

# O Comportamento Humano em Busca de um Sentido

**Vinicius Oliveira Seabra Guimarães  
(Organizador)**

# **O Comportamento Humano em Busca de um Sentido**

**Vinicius Oliveira Seabra Guimarães  
(Organizador)**

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Karine de Lima  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
C737	O comportamento humano em busca de um sentido [recurso eletrônico] / Organizador Vinicius Oliveira Seabra Guimarães. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-861-8 DOI 10.22533/at.ed.618192312  1. Comportamento humano. 2. Filosofia. 3. Sociologia. I. Guimarães, Vinicius Oliveira Seabra.  CDD 170
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A obra “O Comportamento Humano em Busca de um Sentido” é especialmente diversa e complexa, assim como o ser humano o é. Então, os textos apresentam inúmeras facetas da condição e da situação humana, desvelando as vulnerabilidades, as inquietações, as tormentas e os dramas que se estabelecem na formação da identidade humana. A partir desses distintivos, os autores e autoras apontam para caminhos diversos acerca da compreensão dos sentidos da vida e sinalizam para a importância das teias de relações sociais que, impreterivelmente, tornam o ser humano um sujeito coletivo.

Os textos versam acerca do adoecimento humano, dos transtornos sociais, da crise existencial, da construção da moralidade, da formação humana, da condição psíquica e da transformação social. Nesse sentido, os capítulos trafegam pelos campos da Sociologia, da Filosofia e da Psicologia, focando em geral nas Ciências da Saúde como plataforma de análise. O entendimento geral é que o ser humano permanece inconcluso, interminável e indecifrável. Contudo, apesar de tamanha complexidade inerente ao ser humano, é possível tatear algumas perspectivas e aferir algumas conclusões, ainda que provisórias, acerca dos sentidos atribuídos ao comportamento humano, e foi exatamente isso que os autores e autoras se propuseram fazer nessa obra.

Os capítulos remetem as realidades de várias regiões do Brasil, perpassando os Estados de São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Sergipe, Bahia, e Rio Grande do Sul; também apresenta uma colaboração internacional de Buenos Aires, Argentina. As pesquisas foram desenvolvidas por professores e estudantes vinculados com a Faculdade de Tecnologia e Ciências – unidade Jequié/BA, Fundação Oswaldo Cruz, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Universidade Estácio de Sá, Universidade Estadual Paulista, Universidade Federal do Rio Grande, Universidade Tiradentes e com a Universidade John F. Kennedy (Argentina). Nesse viés, compreende-se que essa diversidade acadêmica contribui para um olhar múltiplo, transdisciplinar e empático ao comportamento humano no cenário atual.

O percurso proposto inicia com uma discussão filosófica acerca da moral em Immanuel Kant. Depois se discute a questão da musicalidade como processo terapêutico. Posteriormente, entra-se no campo da inclusão social de crianças e adolescentes com doenças crônicas. Em seguida repousa-se o olhar sobre a formação infantil no espaço social imagético dos desenhos animados. Logo depois, parte-se para uma aproximação teórica entre Zygmunt Bauman e a crise existencial de estudantes universitários. No mesmo trajeto, em seguida, se analisa o consumo de drogas e o comportamento sexual de jovens na modernidade. Posteriormente, repousa-se a análise na convivência hospitalar como cenário de ressignificação e humanismo das práticas hospitalares dando ênfase a cultura de orientação ao erro e ao aperfeiçoamento da

comunicação. E, por fim, faz-se um relato acerca das possibilidades de transformação social e da integração acadêmica desenvolvida por uma universidade comunitária. Então, por ser diverso, complexo e instigante, convidamos a todos para ler e reler essa obra que apresenta perspectivas acerca do comportamento humano e suas insistentes buscas por sentidos.

Vinicius Oliveira Seabra Guimarães

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A BOA VONTADE E O BOM MORAL NA INVESTIGAÇÃO ACERCA DA MORALIDADE DE IMMANUEL KANT	
Renata Cristina Lopes Andrade Alonso Bezerra de Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6181923121</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
MÚSICA NOS PROCESSOS TERAPÊUTICOS E/ OU REABILITACIONAIS: ANÁLISE DE SEUS PRINCÍPIOS, PRÁTICAS E BENEFÍCIOS	
Bárbara de Souza Bim Maria Clara Sales de Medeiros Souza Suellen Justina de Freitas Nadir da Glória Hagiara-Cervellini	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6181923122</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
A INCLUSÃO SOCIAL E FAMILIAR DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DOENÇAS CRÔNICAS NO BRASIL	
Davi Augusto dos Santos Soares Tayanne de Araujo Lobão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6181923123</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>32</b>
O OLHAR INFANTIL SOBRE RELAÇÕES E PAPÉIS DE GÊNERO A PARTIR DO DESENHO ANIMADO	
Viviane Ferracini Papis Plínio de Almeida Maciel Jr	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6181923124</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>45</b>
CRISE EXISTENCIAL E O SENTIDO DA VIDA NO CONTEXTO DA SAÚDE MENTAL DOS ESTUDANTES DE NÍVEL SUPERIOR	
Beatriz Nascimento Andrade Moura Juliane dos Santos Almeida Luane Seixas Pereira Cunha Larissa de Oliveira Vieira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6181923125</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>57</b>
EFEITO BACO: UM OLHAR SOBRE A BUSCA PELO PRAZER ATRAVÉS DO CONSUMO DE DROGAS E COMPORTAMENTO SEXUAL DE JOVENS EM RAVES	
Liliane Botelho Antunes Menezes Norma Cristina Cardoso Brandão Julio Cesar Rodrigues Alberto Rodriguez Blanco Maria Cristina Rodrigues Guilam	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6181923126</b>	

<b>CAPÍTULO 7 .....</b>	<b>69</b>
CULTURA DE ORIENTAÇÃO AO ERRO: EXPLORANDO PERCEPÇÕES NA ATENÇÃO BÁSICA DA SAÚDE	
Norma Cristina Cardoso Brandão	
Liliane Botelho Antunes Menezes	
Mirna Miguel Passos	
Roberto Senini	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6181923127</b>	
<b>CAPÍTULO 8 .....</b>	<b>79</b>
DESENVOLVIMENTO DE MATERIAL QUE FACILITE A CONVIVÊNCIA E A COMUNICAÇÃO EM ENFERMARIA PEDIÁTRICA	
Ana Laura Schliemann	
Ludmylla Cursi Razza	
Michele Amorim da Silva	
Paula Prado Lima	
Tâmisa Pires Catão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6181923128</b>	
<b>CAPÍTULO 9 .....</b>	<b>90</b>
PROJETO RONDON: OPERAÇÃO ENCANTOS DO VALE NO MÉDIO VALE DO ITAJAÍ E VALE EUROPEU-SC, NA PERSPECTIVA DE UMA UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA	
Rafael Amaral Oliveira	
Fernanda Guglielmi Faustini Sônego	
Giovana Vito Mondardo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6181923129</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>93</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>94</b>

## DESENVOLVIMENTO DE MATERIAL QUE FACILITE A CONVIVÊNCIA E A COMUNICAÇÃO EM ENFERMARIA PEDIÁTRICA

### Ana Laura Schliemann

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,  
Faculdade de Psicologia.  
São Paulo- SP

### Ludmylla Cursi Razza

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,  
Faculdade de Psicologia.  
São Paulo- SP

### Michele Amorim da Silva

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,  
Faculdade de Psicologia.  
São Paulo- SP

### Paula Prado Lima

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,  
Faculdade de Psicologia.  
São Paulo- SP

### Tâmisa Pires Catão

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,  
Faculdade de Psicologia.  
São Paulo- SP

**RESUMO:** O objetivo dessa pesquisa foi criar condições para melhorar a comunicação e a convivência entre todos os atores envolvidos no processo de adoecimento relativos à internação pediátrica e de desenvolver material ilustrativo que favoreça a comunicação e as relações interpessoais além de avaliar o material produzido. A metodologia foi qualitativa, na modalidade exploratória. Para identificação dos

artigos para a revisão bibliográfica da pesquisa, foram designadas as seguintes plataformas de busca: Scielo Brasil, Pepsic, Google Acadêmico e Medline, no período de 2017 a 2018. O trabalho de campo foi desenvolvido no hospital universitário Santa Lucinda em Sorocaba/ SP. O trabalho teve duas fases de coleta de dados através de entrevistas semi-dirigidas. Na primeira fase foram entrevistados profissionais de enfermagem, médicos, pacientes e seus acompanhantes, com foco na internação, na comunicação e a convivência no hospital. Na segunda fase foram entrevistados profissionais e paciente/acompanhantes avaliando a cartilha, que depois foi refeita. Observou-se na primeira fase, que as principais dificuldades de comunicação e convivência se davam entre os responsáveis das crianças e a equipe do hospital (médicos, enfermeiros e técnicos de enfermagem). Já na segunda aplicação obteve-se uma avaliação positiva do material, com poucos ajustes. A cartilha foi feita em formato de banner e colocada na enfermaria. Os pesquisados afirmam que o material ilustrativo foi útil e é necessário. Ao final do projeto observou-se que uma linguagem lúdica pode favorecer as relações na enfermaria, diminuindo o estresse na convivência, entretanto é necessário um trabalho constante para uma melhora significativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicologia, Cartilha

## DEVELOPMENT OF MATERIALS THAT FACILITATE LIVING AND COMMUNICATION IN PEDIATRIC NURSING

**ABSTRACT:** The objective of this research was to create conditions to improve communication and coexistence among all actors involved in the process of illness, related to pediátrico hospitalization and to develop illustrative material that favors communication and interpersonal relationships, besides evaluating the material produced. The methodology was qualitative, in exploratory mode. To identify the articles for the bibliographic review of the research, the following search platforms were designated: Scielo Brasil, Pepsic and Google Scholar, from 2017 to 2018. The fieldwork was developed at the Santa Lucinda University Hospital in Sorocaba / SP. The work had two phases of data collection through semi-directed interviews. In the first phase, nursing professionals, doctors, patients and their caregivers were interviewed about hospitalization, communication and living in the hospital. In the second phase, professionals and patient / caregivers were interviewed evaluating the booklet, which was later redone. It was observed in the first phase that the main communication and coexistence difficulties occurred between the children's guardians and the hospital staff (doctors, nurses and nursing technicians). In the second application, a positive evaluation of the material was obtained, with few adjustments. The booklet was made in banner format and placed in the ward. Researchers say the illustrative material was useful and necessary. At the end of the project it was observed that a playful language can favor the relations in the ward, reducing stress in living, however it is necessary a constant work for a significant improvement.

**KEYWORDS:** Psychology, Hospital Booklet, Pediatric Inpatient, Hospital Living.

### 1 | INTRODUÇÃO

Quando uma criança ou adolescente adoecer, sua vida e a de sua família se modifica. Muitas vezes, surgem situações novas, como a convivência com os elementos do tratamento, exames, medicações e, talvez a mais difícil delas, a internação, que via de regra acompanha as doenças mais graves. Vários atores estão envolvidos nesse processo, o doente, sua família, médicos, enfermeiros, funcionários e uma grande equipe.

Com a criança, aspectos a serem observados são os fatores relacionados ao estresse físico e psíquico que ocorrem frente a qualquer tipo de adoecimento na infância. Os mais comuns são a própria doença; o tratamento em si; a auto percepção; as expectativas pessoais e familiares quanto ao futuro; a perda ou prejuízo na aquisição ou manutenção das conquistas como, por exemplo, da autonomia; bem como as mudanças gerais no estilo de vida pessoal, familiar e social (SCHLIEMANN, 2003).

Ao ser hospitalizada, a criança é obrigada a romper com suas atividades sociais, a ficar longe dos seus, deixando de ser socialmente ativa para se tornar um

paciente sem suas particularidades. Ela é obrigada a aceitar ser manipulada por estranhos, os quais a submetem a procedimentos que são na maioria das vezes desconhecidos e/ou invasivos (RIBEIRO; ANGELO, 2005). Isto, somado à mudança de funcionamento usual do organismo, pode levar a criança a vivenciar momentos de estresse e ansiedade (BALDINI; KREBS, 1999; RIBEIRO; ANGELO, 2005). Podem surgir sintomas psicofísicos, como mal-estar, dores, irritabilidade, distúrbios do apetite e sono, estresse, comportamentos degradados, ansiedade e angústia.

Com a família, a reação à doença da criança nem sempre se manifesta por emoções similares e, ou simultâneas às da criança e dos profissionais. Os pais se sentem na obrigação de ajudar os filhos em seu sofrimento, além de manter a educação e os valores mesmo no adoecimento. Eles vão se angustiando e reagindo emocional e fisicamente quando se conscientizam do sofrimento dos filhos e sua impotência diante do irreversível. A possibilidade incerta de cura e a dificuldade de aceitação da doença do filho são elementos que, também, compõem esse quadro (SCHLIEMANN, 2003).

Com a instituição, quando o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, BRASIL, 1990) obriga hospitais a proporcionar condições de permanência para responsáveis na hospitalização infantil, ele coloca os familiares dentro do hospital, trazendo consigo alterações nas relações de trabalho do ambiente hospitalar. Outro fator foi o Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar - PNHAH (2001) que tem por princípios de humanização a compreensão de que cada indivíduo é único e possui necessidades e valores específicos, que ele e sua família são os melhores informantes e que sua privacidade e autonomia devem ser garantidas.

Da mesma maneira como o relacionamento entre os diversos profissionais que atuam na internação é essencial para oferecer um tratamento humanizado e de qualidade, o relacionamento entre os membros da equipe, o doente e sua família é também fundamental para que o atendimento seja adequado e humano (SCHLIEMANN, 2003). Pais e equipe de saúde têm pelo menos um objetivo comum, que é o restabelecimento da saúde da criança.

Partindo desses pontos, esta investigação teve como objetivo verificar como se dá a comunicação e a convivência entre os atores presentes na internação pediátrica e, a partir das informações, criar condições para melhorar estes aspectos entre os envolvidos no processo de adoecimento infantil.

## 2 | MÉTODO

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, em modalidade exploratória, visando a criação de maior familiaridade em relação a um fato ou fenômeno.

Inicialmente, foi realizada uma revisão bibliográfica no período de 2017 a 2018 para o projeto, sobre os temas comportamento de crianças, pais, médicos e enfermeiros que atuam com crianças internadas, em periódicos indexados no Scielo Brasil, Pepsic, Google Acadêmico e Medline. Depois, iniciou-se a parte interventiva

da pesquisa, que teve como inspiração os moldes de desenvolvimento e avaliação de cartilha apresentados na pesquisa de Castro e Lima Júnior (2014), *Desenvolvimento e validação de cartilha para pacientes vítimas de queimaduras*, e foi dividida em quatro fases:

- **Primeira fase - investigação:** foram realizadas entrevistas semi-dirigidas com médicos, equipe de enfermagem, pacientes e acompanhantes presentes e disponíveis na enfermaria pediátrica.

- **Segunda fase - levantamento de literatura:** foram utilizadas as plataformas de busca Scielo Brasil, Pepsic e Google Acadêmico com buscadores como: internação pediátrica, dificuldades de convivência em hospital, comunicação hospitalar, convivência em internação.

- **Terceira fase - montagem da cartilha:** com base nos dados e informações adquiridos por meio das entrevistas e da literatura pesquisada, foi articulada uma primeira versão da cartilha. O processo de construção foi feito em conjunto com a designer Luana Linhares Vieira.

O objetivo era de que a linguagem fosse clara, sucinta e passada por meio de temas relevantes e necessários, apresentação do hospital; Higiene pessoal e do quarto; Alimentação e medicação; Diversão; Comunicação e apresentação da equipe atuante na enfermaria pediátrica durante a internação

- **Quarta fase - avaliação da cartilha:** em entrevistas semi-dirigidas com médicos, enfermeiras ou técnicas de enfermagem, pacientes e responsáveis que estivessem presentes e disponíveis na enfermaria, a cartilha foi avaliada pela sua linguagem, ilustrações e layout, segundo os critérios de Castro e Lima Júnior (2014).

Após as avaliações foi identificada a necessidade de mudanças em alguns pontos da cartilha, visando melhorias no conteúdo, na linguagem, nas ilustrações e no design e layout. Ao final dessa fase foi criada, então, a terceira e última versão da cartilha, com o intuito de deixá-la ainda mais atraente, acessível e completa.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da PUC/SP no CAAE 70835517.4.0000.5482, o que garantiu que os aspectos éticos dos participantes sejam respeitados.

A pesquisa foi realizada na enfermaria pediátrica geral do Hospital Santa Lucinda, em Sorocaba-SP, que conta com 70% de seus atendimentos voltados para usuários do SUS, composta de 16 leitos acompanhados de poltronas para os acompanhantes.

Os dados foram analisados pela análise do discurso de Bardin (1977) e optou-se por desenvolver um material ilustrativo em formato de banner que foi posto no setor. Os dados serão apresentados por setor e depois de forma geral.

### 3 | RESULTADOS

#### Dados e reflexões junto aos Médicos:

Foram feitas as entrevistas de modo presencial e por telefone com outras duas médicas. Algumas problemáticas apareceram ao longo da entrevista, tais como a dificuldade na comunicação. Como exemplo, vimos pais aflitos por notícias do quadro de seus filhos que buscam, nas figuras mais próximas a eles, via de regra os enfermeiros ou os atendentes de enfermagem, respostas que possam tranquilizá-los. Mas, o relato dos médicos foi que nem sempre a equipe de enfermagem está apta para isso, pois nem sempre sabem do quadro clínico do paciente, gerando estresse e ruídos de comunicação.

Entendemos que é necessário que o médico tenha uma comunicação efetiva com a equipe de enfermagem, no intuito de instruí-los sobre os quadros de todos os pacientes. Além disso, é de suma importância que os médicos informem os pais no horário da visita, sobre todo o quadro da criança e expliquem os procedimentos a serem feitos.

É imprescindível que essa comunicação seja feita de forma acessível ao público. Por vezes, sendo necessário o uso de uma linguagem mais simples sem uso excessivo de termos médicos, para garantir o entendimento de todos. Entendendo o processo, há uma possibilidade maior de participação efetiva dos pais, cria-se um diálogo horizontal que favorece aos pais participar do cuidado da criança. Segundo, Lima et al. (1999) “(...) Quando é permitido aos pais participarem do cuidado, eles sentem-se mais tranquilos e confiantes.”

Segundo Deslandes (2004), as possibilidades comunicacionais estão relacionadas à posição social que os indivíduos ocupam. Na relação entre médicos e pacientes existe, historicamente, uma diferenciação entre o lugar e valor de suas falas. Nesse aspecto, percebeu-se uma outra diferenciação entre médico e enfermeiro, entre médico e médico especialista, bem como entre médico e residente.

A dificuldade de comunicação, conseqüentemente, pode abalar a confiança dos responsáveis das crianças nos profissionais, quer pela incoerência das respostas, quer pelo contato considerado pouco, rápido ou rígido, sem que a atenção esperada pelas crianças e seus responsáveis seja conseguida.

Outro ponto que se pode perceber é que o médico dentro dessa conjuntura é a referência, tanto para os pais quanto para os enfermeiros. É ele quem é procurado no momento de maior ansiedade e inúmeras vezes é esperado que ele consiga lidar com as dúvidas dos pais de maneira a tranquilizá-los, o que gera estresse nesse profissional.

Na quarta fase da pesquisa, a cartilha foi avaliada por 5 médicos, sendo 4 residentes e uma médica especialista. Dos cinco médicos, apenas uma tinha respondido a entrevista na primeira fase do projeto. Nessa última visita, também avaliamos o grau de adesão durante a explicação do material através de comportamento de atenção.

As questões do questionário eram relacionadas à adequação das informações em relação às possíveis dúvidas, o tamanho e número de páginas, a linguagem, ilustrações, apresentação (levando em consideração, capa, papel e cores), sequência da dissertação, se a cartilha serve de base para multiplicadores e sugestões de melhorias para a cartilha.

Dentre as temáticas, “*higiene pessoal*” foi elogiada pelas avaliadoras, todas disseram que a temática foi tratada de maneira satisfatória. Além disso, a temática: “como o acompanhante pode ajudar” foi vista como extremamente necessária pelas médicas, frente a necessidade de aproximar o responsável pela criança no cuidado dela. Já sobre a necessidade de o acompanhante ter um papel ativo e seguir as orientações da enfermagem quanto aos equipamentos, banhos, medicações, alimentação e trocar fralda, segundo Araújo e Cristo (2013), é necessário que os responsáveis pela criança se sintam à vontade para perguntar e esclarecer possíveis dúvidas. Nesse sentido optamos por colocar o item: “tire todas as suas dúvidas antes de voltar para casa (...)”, para deixar claro ao responsável que ele deve perguntar, pois ao chegar em casa a equipe do hospital não auxiliará mais.

### **Enfermeiras e técnicas de enfermagem:**

Enfermeiros e técnicos de enfermagem são profissionais com contato diário e muito próximo aos pacientes, durante o processo de internação. Devido ao caráter dos cuidados prestados, eles têm função essencial na promoção de saúde, já que são “um veículo para a materialização do cuidado, podendo tornar os encontros com o outro, momentos potenciais que contribuem para a melhoria do quadro de saúde dos indivíduos” (SPAGNOL, 2002 apud ALVES, DESLANDES e MITRE, 2011, p. 357). É através do contato e da relação construída com os pacientes que a enfermagem pode dar assistência e cuidado humanizado.

A investigação feita com a equipe de enfermagem do hospital, na 1ª fase da pesquisa, se propunha a identificar questões de convivência e comunicação presentes na enfermaria pediátrica, entre a equipe de enfermagem, equipe médica, pacientes e seus acompanhantes responsáveis. Foram entrevistadas duas enfermeiras e três técnicas de enfermagem, com idades entre 32 e 48 anos, todas do sexo feminino.

As principais dificuldades encontradas foram na relação com os pais ou responsáveis das crianças: a falta de credibilidade que sofrem por parte de alguns responsáveis, que veem os médicos como mais bem qualificados; a dificuldade que têm em comunicar-lhes como o processo de recuperação funciona e ajudá-los a entender que ele é, muitas vezes, um processo lento e cansativo; e, por fim, a dificuldade em lidar com a ansiedade desses responsáveis em buscar respostas rápidas, às quais as profissionais nem sempre tem acesso ou conseguem responder imediatamente.

Outro ponto importante observado foi a divisão de lados, por exemplo, temos acompanhantes preocupados que veem na busca de informações, uma forma de lidar com as ansiedades presentes no momento da internação e, de outro lado, a

profissional de enfermagem que não têm todas as respostas que os familiares querem e são, muitas vezes, colocadas pelos acompanhantes em uma posição inferior frente aos médicos. Elas se veem, portanto, na frustrante situação de não conseguir oferecer o auxílio requerido.

Na relação das enfermeiras com as crianças, apareceram dificuldades em criar o vínculo inicial, devido à insegurança e medo das crianças frente à situação desconhecida. Porém, todas relataram conseguir superar essa barreira por meio de brincadeiras, bom-humor e paciência para criar um contato pouco a pouco. Utilizar recursos lúdicos para se comunicar com a criança (como brincadeiras, brinquedos, música e jogos), facilita a aproximação e a oferta de uma assistência de qualidade nos serviços de saúde (MARTINEZ, TOCANTINS e SOUZA, 2013).

Uma das entrevistadas citou as dificuldades que observa no comportamento da própria equipe de enfermagem, como o tratamento informal do acompanhante, o que dá ao segundo a falsa sensação de intimidade gerando “liberdades” frente às enfermeiras ou às normas da enfermagem; a dificuldade em lidar com profissionais que não são comprometidas com o trabalho; e a existência de conflitos entre profissionais.

Diante da cartilha, foram sugeridas mudanças pontuais visto que muitos dos acompanhantes possuem baixo grau de instrução. Nas ilustrações, layout e design, foram sugeridas alterações na capa da cartilha, para torná-la mais atraente, adicionando os desenhos dos personagens e mais cores.

Surgiram diversas sugestões de acréscimo de conteúdos como: não ser permitido levar alimentos para a brinquedoteca ou circular de um quarto ao outro, ser necessário recorrer à enfermagem para tirar dúvidas sobre a utilização de equipamentos, troca de fraldas e a forma correta de alimentar ou medicar, a importância de não interferir nos procedimentos, de seguir as orientações passadas e de tirar todas as dúvidas antes de receber alta e ir embora do hospital. Sugeriu-se falar do papel do acompanhante na internação, visto que muitos não colaboram para que o tratamento ocorra da melhor forma possível. Foi pedido para evidenciar a importância de eles serem ativos no tratamento, seguindo orientações passadas sobre medicação, alimentação e higiene da criança e de si próprio.

Surgiu necessidade desses profissionais de ressaltar a importância ao cuidado que os acompanhantes devem ter ao usar o celular, principalmente ao conversarem com a equipe de saúde. Segundo as entrevistadas, é muito comum que os responsáveis usem celular enquanto a equipe passa informações ou orientações, o que faz com que precisem retomar as mesmas questões mais de uma vez para serem entendidas. Falou-se também da falta de atenção de alguns acompanhantes com a própria criança em prol do uso do celular e da atenção que se deve ter com o uso deste aparelho, que carrega muitas bactérias.

A página com o tema de higiene pessoal e do quarto foi elogiada pelas entrevistadas, que disseram que as informações nela contidas são ditas o tempo inteiro e nem sempre ouvidas, apesar de serem básicas para que a convivência seja a

mais harmônica possível, já que no hospital existem condutas técnicas que precisam ser mantidas para preservar higiene, cuidados e integridade das pessoas.

Observou-se que as enfermeiras têm uma relação de preocupação com os temas tratados, diretamente, trazendo sugestões e reflexões sobre o material de forma ativa, viu-se que elas se sentem responsáveis e comprometidas pelo bem-estar dentro da internação.

### **Pais/Responsáveis e crianças:**

Durante o período de coleta de dados, houve apenas uma criança internada de cinco anos, as demais foram bebês.

A entrevista realizada com Nina (*nome fictício*) foi tranquila. Ela conversou a respeito do desenho que estava vendo e da saudade que sentia de brincar com seus amigos. Através da entrevista realizada com Nina e com os outros responsáveis pelas crianças menores, fica claro como é essencial ter um espaço para que as crianças possam brincar, desenvolver seus medos, angústias, trazer para a brincadeira o que estão vivendo e, desse modo, elaborarem os seus sentimentos. Um ambiente criativo, através de desenhos, objetos pessoais, brinquedos, etc., faz com que as tensões de estar em local desconhecido diminuam e a criança tenha uma melhora mais alegre e rápida (HENRIQUES e CAÍRES, 2014).

Apenas uma criança avaliou a cartilha, Lia (*nome fictício*), de seis anos. Todos os temas da cartilha foram apresentados e lidos para ela. Lia, apresentou-se muito tímida, não conversou com a pesquisadora e, também, foi possível perceber a sua expressão triste, com medo, um pouco angustiada, fazia poucos movimentos com seu corpo durante a leitura, seus olhares eram vagos e pensativos. Entendeu-se que a comunicação verbal com a criança pode não ser o mais importante, dar importância e olhar para criança como um sujeito de direitos, que precisa de cuidados, atenção e carinho para que sua melhora ocorra da melhor maneira possível é fundamental. O silêncio, o olhar, suas expressões falaram muito e deram base para interpretação. Cabe ressaltar que, ao final ela falou com a pesquisadora e agradeceu pela leitura, o que confirma a importância de se ter um espaço lúdico dentro de uma enfermaria pediátrica.

Com os familiares foi encontrada certa dificuldade ou, talvez, certo receio por parte desses em expor sua opinião, em sua maioria apresentaram respostas bastante positivas, principalmente sobre a atenção dada pelos profissionais à criança e até mesmo aos seus acompanhantes, e possíveis mudanças que poderiam acontecer no hospital para melhorar o atendimento em geral, talvez por temerem perder a vaga de seus filhos no Hospital.

Outra situação que apareceu durante a entrevista foi a importância que esses pais dão para a brinquedoteca. Eles relatam que, muitas vezes, quando seus filhos começam a se agitar pelo estresse do ambiente, os levam para o local, para que assim se acalmem. A brinquedoteca pode representar a necessidade de tornar o processo

da internação menos sofrido.

Desta etapa participaram 6 responsáveis, com idades superiores a 18 anos, os quais acompanhavam as crianças internadas na enfermaria pediátrica do Hospital Santa Lucinda no período de outubro ou novembro de 2017, dentre esses, quatro mães e duas avós. Essa é uma realidade cada vez mais presente nas enfermarias.

Após a confecção da cartilha, voltou-se ao mesmo hospital da realização da pesquisa, onde se entrevistou outras mães e outros profissionais, com o intuito de obter uma nova releitura da cartilha de convivência. Nesta etapa participaram um total de nove mães, também com idades superiores a 18 anos.

A partir dos dados verificou-se que, todas elas fizeram uma avaliação positiva do material. O conteúdo da cartilha foi considerado de fácil entendimento e despertou interesse. Condição essa, confirmada pela observação do comportamento das mães que pegavam, olhavam e davam atenção ao que estavam fazendo. A maioria das mães entrevistadas acredita que as orientações contidas na cartilha foram adequadas e esclarecem suas dúvidas e justificam dizendo que o material ensina a forma correta de se comportar nos hospitais, que é importante e está bem explicado.

Quanto à quantidade de páginas e o tamanho da cartilha, também foram considerados adequados, com a justificativa que o material já contém todas as informações necessárias, esclarece as dúvidas e é fácil de ler. Algumas delas, após a entrevista, chegaram a falar até que se o número de páginas fosse maior a leitura se tornaria bastante cansativa. Quando perguntadas sobre, se o material apresentado servia de base para multiplicadores, todas as entrevistadas responderam que sim. Porém, algumas delas não conseguiram justificar a resposta. Esta dificuldade pode decorrer pela condição de baixa escolaridade apresentada pelas participantes.

Houve também sugestão por parte de algumas das mães em acrescentar mais conteúdo para os profissionais de enfermagem. Aparentemente, a maioria delas não estavam totalmente satisfeitas com o atendimento realizado por esses, demonstrando dificuldade de lidar com as regras e um espaço coletivo de convivência.

De maneira geral o material foi bem aceito e se mostrou bastante útil para o esclarecimento das possíveis dúvidas que poderiam existir. O acesso à cartilha pode ser realizado através do link: <http://www.youblisher.com/p/1963498-Convivendo-no-Hospital/>.

#### **4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Retomando o objetivo deste estudo, que foi criar condições para melhorar a comunicação e a convivência entre todos os atores envolvidos no processo de adoecimento, especialmente nos relativos à internação para as crianças, seus familiares e profissionais da saúde, e de criar um material ilustrativo que favoreça a comunicação e as relações interpessoais entre os envolvidos, pode-se dizer que ele foi atingido.

A comunicação e a convivência são tópicos difíceis no processo de internação em enfermaria pediátrica entre todos os atores, a criança e seus pais se sentem fragilizados, os profissionais sentem-se estressados, e as relações, de modo geral, não são tranquilas.

Entendeu-se que a cartilha pode ajudar nesse processo e tornar a internação mais humana.

A cartilha desenvolvida pelas pesquisadoras nesta pesquisa, foi bem aceita e se mostrou bastante útil para o esclarecimento das possíveis dúvidas que poderiam existir sobre a convivência no espaço de internação.

Desse modo, os resultados desta pesquisa apontaram, que existe sim, uma dificuldade nas relações que envolvem os atores da pediatria, e que há necessidade de criação de um ambiente em que exista o diálogo, para assim, lidar de maneira mais efetiva com os conflitos entre os mesmos.

Os resultados da pesquisa não podem ser generalizados levando em consideração a quantidade diminuta de sujeitos. Neste sentido, revela-se a necessidade de serem desenvolvidas novas pesquisas envolvendo este tema.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Camila Aloísio; DESLANDES, Suely Ferreira; MITRE, Rosa Maria de Araújo. **A gestão do processo de trabalho da enfermagem em uma enfermaria pediátrica de média e alta complexidade: uma discussão sobre cogestão e humanização**. Interface: Comunicação, Saúde, Educação, São Paulo, v. 15, n. 37, p.351-361, abr. 2011. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/1801/180119116015.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.

ARAUJO, Tereza; CRISTO, Lilian. **Comunicação em saúde da criança: estudo sobre a percepção de pediatras em diferentes níveis assistenciais**. Revista Psicologia e Saúde, v. 5, n. 1, jan./jun. 2013, p. 59-68, 2013.

BALDINI, Sonia Maria; KREBS, Vera Lucia Jornada. **A criança hospitalizada**. Pediatria, v. 21, n. 3, p. 182–190, 1999.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. [Estatuto da criança e do adolescente (1990)]. **Estatuto da criança e do adolescente: lei n. 8.069**, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata – 9. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010. 207 p. – (Série legislação; n. 83).

CARAPINHEIRO, Graça. **Saberes e poderes no hospital, uma sociologia dos serviços hospitalares**. Porto: Ed. Afrontamento, 200 p., 1993.

CASTRO, Ana Neile Pereira de; LIMA JÚNIOR, Edmar Maciel. **Desenvolvimento e validação de cartilha para pacientes vítimas de queimaduras. 2014. Revista Brasileira de Queimaduras**. Disponível em: <http://rbqueimaduras.org.br/details/202/pt-BR/desenvolvimento-e-validacao-de-cartilha-para-pacientes-vitimas-de-queimaduras>. Acesso em: 10 set. 2019.

HENRIQUES, Daniela Cruz de; CAÍRES, Fernanda Martins. **A Criança Hospitalizada: Manual de Orientação aos Pais**, 2014. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/a-crianca-hospitalizada-manual-de-orientacao-aos-pais/>. Acesso em: 10 de set. 2019.

LIMA, R.A.G.; ROCHA, S.M.M.; SCOCHI, C.G.S. **Assistência à criança hospitalizada: reflexões acerca da participação dos pais**. Revista Latino-Americana de Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 7, n. 2, p. 33-39, abril 1999.

MARTINEZ, Elena Araújo; TOCANTINS, Florence Romijn; SOUZA, Sônia Regina. **As especificidades da comunicação na assistência de enfermagem à criança**. Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 34, n. 1, p. 37-44, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rngen/v34n1/05.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.

PNHAH. **Programa nacional de humanização da assistência hospitalar**. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2001.

RIBEIRO, Circéa Amália; ANGELO, Margareth. **O significado da hospitalização para a criança pré-escolar: um modelo teórico**. Revista de Escola de Enfermagem da USP. São Paulo, v. 39, n. 4, p. 391-400, Dec. 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342005000400004&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342005000400004&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 10 set. 2019.

SCHLIEMANN, Ana Laura. **STAS – Esquema de Avaliação para Equipe de Apoio: compreendendo as condições da criança com câncer**, 2003. Dissertação (Doutorado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**Vinicius Oliveira Seabra Guimarães:** Doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica De Goiás (PUC Goiás) - linha de pesquisa: Educação, Sociedade e Cultura; Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica De Goiás (PUC Goiás - 2016); Pós-Graduado em Docência Superior pela Faculdade Grande Fortaleza (FGF - 2011); Pós-Graduado em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela Universidade Gama Filho (UGF - 2010); Pós-Graduado em Estudo da Bíblia pela Faculdade Evangélica de Teologia de Belo Horizonte (FATE-BH - 2006); Graduado em Administração pela Pontifícia Universidade Católica De Goiás (PUC Goiás - 2007); Licenciando em Sociologia pela Universidade Anhanguera (UNIDERP); Licenciando em Pedagogia pelo Centro Universitário FACVEST (UNIFACVEST); Desde 2004 atua como professor em Instituições de Ensino Superior: Faculdades OBJETIVO, FAP, FABEC, ICG, UNIEVANGÉLICA, FASUG, CGESP, UNIP, FAC MAIS, IUESO, FAC LIONS, Fundação Bradesco, SETAL, FACULDADE KURIOS, FATEID, SEPEGO, ETIC, SPRBC, SEID, IBCAF, STBIEG e STEBB; Desde 2015 atua como professor de cursos de Pós-Graduações: IPOG, FAI, Fac Delta e FAIFA; Possui vários livros e artigos científicos publicados na área de educação, juventudes, pobreza, sociologia e teologia. Atualmente, participa dos seguintes grupos de pesquisa/estudos: JUVENTUDE E EDUCAÇÃO, vinculado a Pontifícia Universidade Católica De Goiás (PUC Goiás); OBSERVATÓRIO JUVENTUDES NA CONTEMPORANEIDADE, vinculado a Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (FCS/UFG); e, NÚCLEO DE ESTUDOS DE RELIGIÃO CARLOS RODRIGUES BRANDÃO, vinculado a vinculado a Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (FCS/UFG). E, participa do seguinte projeto de pesquisa vinculado a Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica De Goiás (EFPH/PUC Goiás): DIVERSIDADE CULTURAL E EDUCAÇÃO: JUVENTUDES, PARTICIPAÇÃO POLÍTICA, ORGANIZAÇÕES E MOVIMENTOS SOCIAIS NO SÉCULO XXI.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adoecimento 5, 29, 30, 45, 50, 54, 79, 80, 81, 87  
Androginia 41  
Aprendizagem social 33, 69

### B

Binarismo 36, 41

### C

Cartoon Network 32, 34  
Cidadania 90, 91  
Comportamento de risco 57, 71  
Comportamento sexual 5, 7, 57, 68  
Convivência Hospitalar 5, 80  
Cooperativismo 91  
Corpo generificado 41  
Crise existencial 5, 7, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 54  
Cultura de orientação do erro 69, 74, 77  
Cultura do erro 69  
Cultura infantil 32, 36, 40

### D

Deficiência visual 14, 18, 19, 22, 24, 25  
Deficientes auditivos 14, 19  
Depressão 12, 13, 14, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 28, 45, 46, 50, 51, 55  
Desenho animado 7, 32, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43  
Desenvolvimento humano 12, 17, 22, 23, 24, 92  
Desenvolvimento infantil 32, 44  
Doenças crônicas 5, 7, 26, 27, 28, 30, 31  
Drogas 5, 7, 45, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 91

### E

Enfermaria pediátrica 8, 79, 82, 84, 86, 87, 88  
Escala Likert 61  
Estudantes de nível superior 7, 45, 46, 47, 50, 51, 52, 54  
Existencialismo 46, 47, 48, 54

### F

Fatores humanos 69, 77  
Fenomenologia 46, 47, 48, 55  
Formação Moral 1

## G

Gênero 7, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 55

## H

Humanismo 5, 46, 47, 48

## I

Immanuel Kant 5, 7, 1, 11

Internação Pediátrica 79, 80, 81, 82

## J

Jean Paul Sartre 59

## L

Laço afetivo 40

## M

Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon 90

Medo 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 85, 86

Meios de comunicação televisiva 32

Moralidade 5, 7, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10

Música 7, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 43, 57, 59, 63, 85

Musicoterapia 13, 15, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 25

## N

Natureza humana 1, 2, 5, 6, 10, 48, 50, 72

## P

plataforma Survey Monkey 60, 61

Projeto Rondon 8, 90, 91

Psicologia 5, 12, 22, 23, 24, 26, 27, 29, 31, 32, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 52, 54, 55, 56, 57, 72, 78, 79, 88, 89, 91

## R

Relações interpessoais 79, 87, 90

## S

Segurança do paciente 69, 70, 71, 73, 75, 77

Sentido da vida 7, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 53, 54, 56

Sexualidade 32, 35, 36, 43, 44, 62, 91

Socialização infantil 32

Sofrimento psíquico 45, 46, 50, 51

Steven Universo 32, 34, 35, 37, 38, 42, 43

## T

Transformação social 5, 6, 91

Transtorno do espectro autista 12, 13, 24

## V

Valor Moral 1, 2, 3, 6, 8, 9, 11

Vazio existencial 49, 50, 53, 57, 59, 60, 64, 66

## Z

Zygmunt Bauman 5, 45, 47

